



## O DISCURSO SOBRE COTAS, A PARTIR DE ARTIGOS PUBLICADOS PELA REVISTA VEJA

Wellington Ferreira Santos<sup>1</sup>

Antes de começar qualquer discussão, vale ressaltar que o presente trabalho (fruto de projeto de dissertação, em andamento, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense), encontra-se em fase inicial de elaboração – constituição de *corpus*, construção de conceitos e delimitação do objeto específico. Dito isso, esse trabalho tem como objetivo analisar o processo de produção de sentidos sobre as assim denominadas *cotas* e seus correlatos, a partir de textos publicados em *Veja*<sup>2</sup>, entre os anos de 2006 a 2012 – *Convite ao ódio racial* (2006); *O pobre e o negro* (2007); *Intolerância* (2007); *Eles são gêmeos idênticos, mas, segundo a unb, este é branco e este é negro* (2007); *cotas: O justo e o injusto* (2008); *Uma segunda opinião* (2009); *O grande erro das cotas* (2012) e *Distorção na pele* (2012). Para tanto, o trabalho se filia a Análise de Discurso Materialista iniciada na França por Pêcheux e colaboradores e no Brasil por Orlandi.

A instituição de *cotas* no Brasil se dá entre os anos de 2001 e 2002, a fim de objetivar reserva de vagas para estudantes negros, indígenas e de escolas públicas por duas universidades: a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ – em 2001) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB – em 2002). Em 2003, a Universidade de Brasília (UnB) e em 2004, a Universidade Federal da Bahia também adotam essa forma de ingresso em seus processos seletivos. Aliado a esse movimento em cadeia e o manifesto a partir do projeto de lei 3627/2004 (solicitando a instituição de reserva de vagas em todas as universidades federais do país) começaram a surgir muitas discussões sobre a legitimidade/ilegitimidade em torno desse assunto na imprensa de referência<sup>3</sup>. Segundo MOORE (2007, p. 308), a proposta de criar condições diferenciadas de acesso acontece pela primeira vez na Índia, no ano de 1919, por intermédio do jurista, economista e historiador Bhimrao Ramji Ambedkar para beneficiar castas desfavorecidas. GUIMARÃES (2012, p.113) aponta que devido à luta contra preconceito de cor, as pessoas clamam por igualdade de oportunidades, sendo que, para elas, as ações afirmativas garantiriam melhor essas oportunidades. Segundo o autor, as ações afirmativas no Brasil são conhecidas no ensino universitário público, sob a forma de reserva de vaga e/ou as assim denominadas *cotas*.

Diante do exposto, vale pensar discursivamente a prática jornalística, a fim de compreender os processos discursivos que se estabelecem na produção de sentidos sobre/para *cotas*. Nesse prisma, vale considerar que há três momentos importantes nos processos de produção do discurso, a

<sup>1</sup> Mestrando em Análise do Discurso pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Orientando da Professora Dra. Bethania Sampaio Mariani.

<sup>2</sup> <https://acervo.veja.abril.com.br/#/editions>

<sup>3</sup> Designação retirada em “O PCB e a Imprensa” – Bethania Mariani, Editora Revan, (s.d), p. 49-58.



saber: a constituição, a formulação e a circulação (ORLANDI, 2012, p.09). Ou seja, a memória discursiva/interdiscurso, a enunciação/intradiscurso e a situação. MARIANI (2003, p. 33) coloca que:

A análise do discurso jornalístico se faz importante e necessária já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta, transforma e divulga* acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis consequências desses fatos do presente – e, assim, *legitima*, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro (...) o discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro (...) uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos, a imprensa acaba por constituir no discurso um modo (possível) de recordação do passado. (MARIANI, 2003, p. 33)

Desta forma, o discurso jornalístico funciona como parte de um jogo imaginário de sociedade, na medida em que a integra e constitui sua história.

Dessa forma, segundo PÊCHEUX (2010, [1969]), devemos pensar a linguagem enquanto discurso. Para ele, o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores. Ou seja, sentido em relação à. Isso que dizer, como nos orienta ORLANDI (2007, p. 20), o sentido não está alocado *a priori*, ele se produz nas relações dos sujeitos e dos sentidos, na medida em que sujeitos e sentidos se constituem mutuamente, “pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas ( que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos)”. Nesse jogo do processo discursivo, segundo ORLANDI (2012), os sujeitos são interpelados pela ideologia. Dessa forma, a ideologia se coloca na linguagem como evidência do sentido. Naturaliza o que é produzido, apresentando a ideia de transparência da linguagem. Assim, apaga-se a espessura histórica do objeto linguístico e simbólico. Esse jogo da ideologia é constitutivo do próprio funcionamento e da relação entre linguagem e mundo.

Outro aspecto que entendemos ser relevante ao trabalho é pensar a noção de arquivo como postulada em Análise do Discurso (AD), na medida em que nosso material de análise faz parte do acervo de Veja digital. Segundo NUNES (2007, p. 374), o arquivo, como pensado na Análise do Discurso, não é um conjunto de dados pragmáticos, pois, excluiria a espessura histórica do mesmo. Em AD, o arquivo é entendido como materialidade discursiva que traz marcas da constituição dos sentidos. “O material de arquivo está sujeita a interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de “comprovação”, onde se suporia uma interpretação unívoca” (NUNES, 2007). Ou seja, caminhar nessa conjuntura é situar o arquivo num “entre-lugar”, em que sua leitura nunca é posta *a priori*, o seu funcionamento é opaco (MARIANI, 2016), “porque o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social”. O arquivo não é simplesmente um documento em que nos mostra referências, ele nos remete a leituras que nos aponta dispositivos e configurações significantes (GUILHAUMOU, MALDIDIER, 2010, p. 162).

Essa maneira de se pensar o arquivo está na base de constituição epistemológica da AD, visto que, Pêcheux (2010, [1969]) já apontava que há relações de sentidos, ou seja, um discurso remete sempre a outro discurso, dentro de um processo discursivo. Desta forma, “o processo discursivo não tem, de direito, início”.



Palmilhamos com Pêcheux (2010 [1969]), na medida em que ele diz que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, situado no interior de relações de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado (p. 75). Porém, os lugares que os sujeitos (A e B) ocupam são representações do jogo no processo discursivo. Esse jogo acontece por antecipações e formações imaginárias. Desta forma, vale questionar: que tipo de imaginário as narrativas sobre *cotas* mobilizam? De que modo *Veja* se representa e representa os *cotistas* face aos leitores (MARIANI, 2007, p. 55)?

SD1: Nas universidades inicia-se a batalha pelas cotas. Alunos que se saíram bem no vestibular – só quem já teve filhos e netos nessa situação conhece o sacrifício, a disciplina, o estudo, e os gastos implicados nisso – são rejeitados em troca de quem se saiu menos bem mas é de origem africana ou vem de escola pública. E os outros? Os pobres brancos, os remediados de origem portuguesa, italiana, polonesa, alemã, ou o que for, cujos pais lutaram duramente para lhes dar casa, comida, educação? (*Veja*, 06/02/2008)

É possível depreender, a partir dos efeitos de sentido em SD1 que a posição-sujeito em A antagoniza dois corpos sociais, apresentando formações imaginárias de um e de outro. Pode-se perceber a partir desse jogo de imagens que há alunos que estuda, são disciplinados, têm casa, comida, família e educação, ao passo que os outros alunos não possuem nada do que os primeiros possuem. A partir da materialidade enunciada pelo sujeito em A, possibilita depreender que há uma memória de duas diásporas: a diáspora africana e a diáspora europeia. Essa memória faz reviver a representação de um negro indolente, preguiçoso e passivo ao passo que os brancos descendentes de europeus são trabalhadores e lutam para conquistar seus objetivos. Dessa forma, o sujeito em A constrói um referente nesse jogo de imagens, o que possibilita perceber uma disputa de sentidos para a designação *cotas*, por exemplo, como aparece na materialidade enunciada em outros momentos do texto: “verborragia populista e burra, frustração, hostilidade, pirulito do favorecimento”.

Podemos compreender o funcionamento no discurso de *Veja* a partir da imagem abaixo:

**Figura 1:** (*Veja*, 29/08/2012)



O discurso em *Veja* revela relações de forças antagônicas e, como diz PÊCHEUX (2015, [1983], p. 50), um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. INDURSKY (2005) afirma que



Os discursos midiáticos, ao funcionarem como uma cena pública, são atravessados por todos os traços da *ação humana* e a *política*. Ou seja, a mídia constrói espaços onde podem se manifestar a pluralidade, a diferença e o dissenso. (...) a mídia pode funcionar como um simulacro da cena pública onde se manifestam diferentes subjetividades, onde se inscrevem interpretações antagônicas. (INDURSKY, 2005, p. 100)

Em nosso empreendimento inicial, objetivamos analisar discursivamente o discurso sobre *cotas*. A empreitada suscitou mais questões do que respostas, como: a discussão seria sobre *cotas* ou sobre uma memória da colonização no Brasil? Como funciona o discurso jornalístico sobre/para *cotas*? As denominadas *cotas/ações afirmativas* igualam negros e brancos? Há reparação ou camuflagem das desigualdades? Além disso, podemos dizer, a partir de ORLANDI (2012, p. 96), que “a mídia é um grande evento de circulação da linguagem. Enquanto tal, ela é um acontecimento de linguagem que impõe sua forma de gerenciamento dos gestos de interpretação, sempre na distinção do que se deve apreender como sentido unívoco (literal) e o que admite plurivocidade interpretativa”.

## REFERÊNCIAS

GUILHAUMOU, Jacques, MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. IN: ORLANDI, Eni (Org.). *Gestos de leitura*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 161-183.

GUIMARÃES, Antonio Sergio A. Antirracismo e políticas públicas. IN: GUIMARÃES, Antonio Sergio. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012, 113-129.

INDURSKY, Freda. *O político e o jurídico na constituição das subjetividades sociais*. Gragoatá. N. 18. Niterói: EdUFF, 2005, p. 97-110, sem. 2005.

MARIANI, Bethania. Sobre os procedimentos de trabalho. IN: MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas: Editora da Unicamp/Editora Revan, (s.d), 49-58.

\_\_\_\_\_. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). IN: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3ed. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 31-42.

MOORE, Carlos. Do marco Histórico das Políticas Públicas das Ações Afirmativas. IN: DOS SANTOS, Sales Augusto (Org.). *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2005, p. 307-334.

NUNES, José Horta. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. IN: INDURSKY, Freda, FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Clara Luz, 2007, p. 373-379.

ORLANDI, Eni. Dispositivos de interpretação. IN: ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 79-98.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (ADD69). IN: GADET, Françoise, HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani... [et al]. 4 ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2010, p. 59-159.

\_\_\_\_\_. O papel da memória. IN: ACHARD, Pierre (Org.). *O papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. 4ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 43-51.